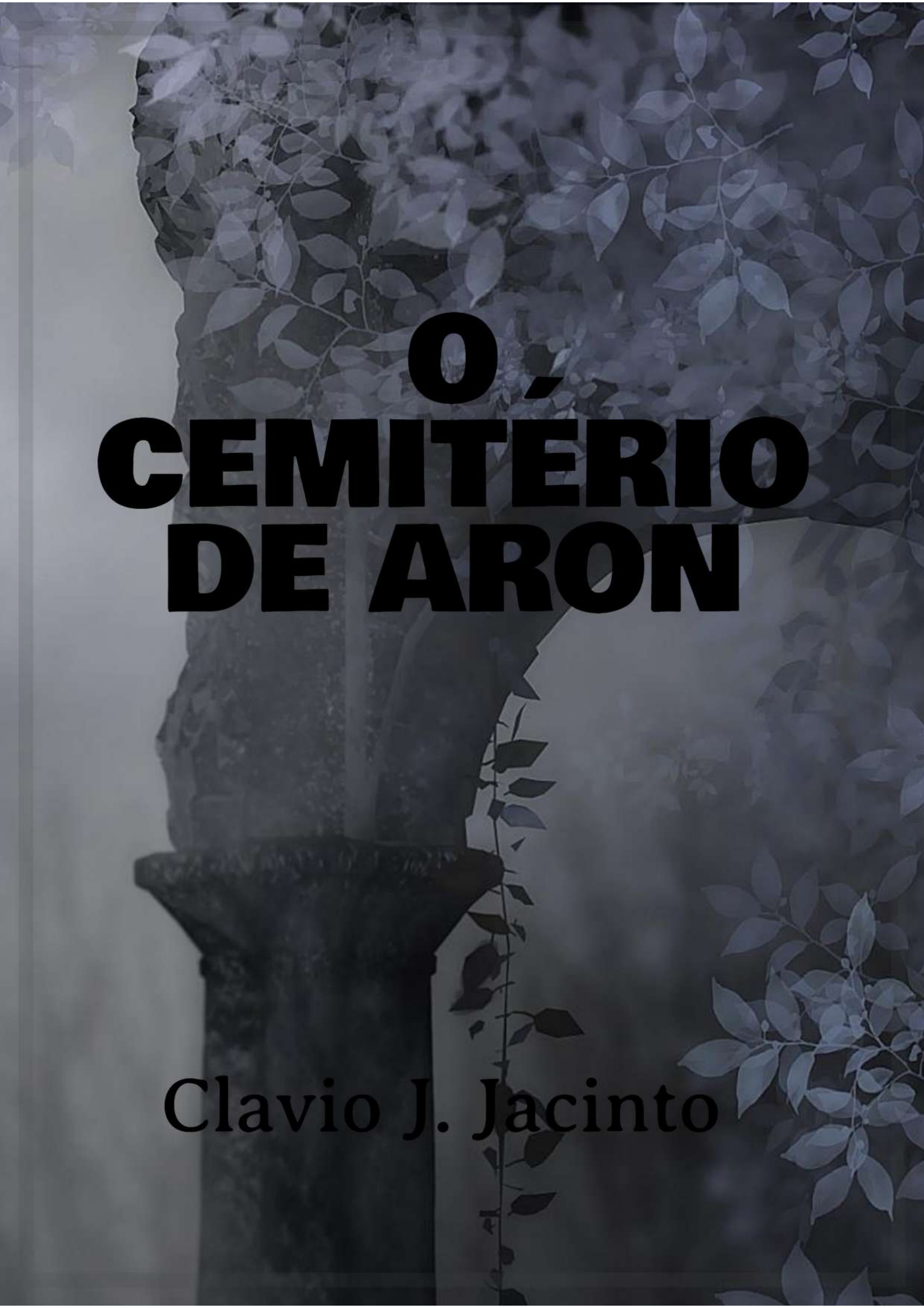




O, CEMITERIO DE ARON

Clavio J. Jacinto

O Cemitério de Aron

Clavio J. Jacinto

Prefacio

“... E não haverá mais morte” (Apocalipse 21:4)

A Primavera

O servo adormecido nas sombras:

-Mestre, que trágicos olhos, são aqueles que se inspiram nas sepulturas de um homem morto pela peste para poetizar os mistérios profundos da vida!

O Mestre desperto ao servo adormecido:

- Trágico é o coração que não enxerga o fato mais solene das estações da vida, e essa é a verdade; a primavera nunca passa por cima de um cemitério, mas desperta as flores para que elas desabrochem também sobre as catacumbas...

Império dos Efêmeros

Estava eu contemplando nuvens almiscaradas e as flores da quaresmeira

Quando vi almas despenadas flutuando sem destino

**Não havia alparcas nos pés e as lamurias bucais eram silabas de espectros
nostálgicos**

Multidões dessas névoas vivas que evanesciam ao vento

O alvorecer parecia à utopia de um sonho quebrado pelo medo

Ah mundo! Morrerás de pobreza e feiúras

Pois se extingue dia após dia, os espíritos humanos mais nobres

Cuja substancia é real em seus meios e não desonestos

Acharemos os mais sábios nessas desviadas multidões?

Pois só os mais nobres produzem perolas nas aflições...

Colapso

As estrelas pulsam no céu

Noite após noite no apogeu

Acima das noites ofegantes

Elas estão sempre lá intermitentes

Firmes no firmamento

Taças de fogo frio da madrugada

Alumiando o semblante do caminho

Quando as têmeoras se esfriam

A estrela polar é um fanal

A lareira celeste que dá calafrios

No céu orvalhado em brilho astral

Glorificando o meu caminho vazio

Arquipélago Das Flores

**Nesse mar de nevoas que emerge
O semblante descaído de mil flores ceifadas
Numa ilha de pirilampos apagados
Faróis efêmeros das estrelas do norte**

**As madressilvas dessas utopias colossais
São pétalas incrustadas nas nuvens altas
Como se fossem replicas pulsantes
Do meu ultimo batimento cardíaco**

**Prisioneiro sou, dessa insípida primavera
Cárcere livre dessas chuvas torrenciais
As bárbaras e ofegantes gotas das águas frias
Que do “ai” imaginário a minha póstuma distopia**

Sinistro

Caminhando em sendas e prados

Eu mesmo frágil peregrino

No caminho de todos os medos noturnos

Vi ao longe a Yarsinia Péstis

Vestida de noiva, triste brancura

Com mascara de bico de corvo

Espantalho de gás de mostarda

Com uma lâmpada de querosene acesa

Que alumina o caminho da idade media

Arroios de calafrios romperam de meu rosto

Correndo desesperado atravessei o tempo

Corri os séculos em parafusos

Cansado e bem longe dela,

No fim do mundo...

O Crepúsculo da Infâmia

**Onde estão às almas quebradiças, prisioneiras góticas desses impérios
esfarrapados de todos os pavores, numa rima audaz de temores e pavores?**

Do árido bravo dos nossos receios

Nossa terra de desastres que atropelam

Todas as ânsias intrépidas da esperança

**Onde estão as rédeas dos farrapos humanos, onde a fome mata por ironia,
porque trigo não amadureceu na seara dos insensíveis**

Das pálidas aglomerações de palhas

Sombrias noites as almas frias vão tangendo

Respirando nas harpas a sinfonia do apocalipse

Os Fornos de Dachau

Que luzes são essas em chaminés de terracota

Como charutos fúnebres apontando pra lua?

Intrépidas brasas de ossos secretos das sombras

Na harmônica canção de um blecaute do amor

O firmamento testemunha em silencio

O brado destemido de um sopro de infantes ardidos

Fogos de artifício da tragédia e tristura humana

Onde a fuligem das carnes mostra um mundo perdido

Pavaglia

As insípidas vozes desse calafrio

Choros agonizantes nas Ruas de Oran

Das prisões férteis das raízes do solo

Moribundos de Pavaglia adormeciam

Nas pétalas das rosas do deserto

Os ossos libertários nas praias noturnas

Insepultos biológicos dos vendavais

Esquecidos nos séculos da praga finita

As cicatrizes desses brados colossais

Nas feridas efêmeras da peste e holocausto

A primavera chora todas as cores geladas

As berduegas feudais as petúnias da noite

Quando o flagelo desflorou todas as loucuras

Na ilha emanam as sombras das sepulturas.

Mar Cáspio

Aglomerados de beijos perdidos seguem a rota

Do flagelo do esquecimento

O navio mercante do amor naufragou

Jaz á porta das ondas das almas de todos os vendavais

O vil de um vulgar óbito dos sentimentos

Como as ogivas que beijaram a terra de Hiroshima

Ou da pólvora que fecundou as flores do aço mortífero

O sangue que tinge o pesadelo do “Dia D”

Deixem que Paneloux faça seu sacro sermão novamente

Ainda que as tragédias dancem nos coágulos sombrios

Porque Dante escreveu a suma da grande comedia

E Saramago notou na historia; humana a grande tragédia

Eternidade

Alem do portal da vida terrena

No abismo do tempo que ultrapassa

Do vácuo terrestre que breve perpassa

O limiar de um alento que emana

Dos mistérios lúdicos de crepúsculos perenes

Nos perfumes ébrios da épica inspiração

As estrelas cantam a doce antecipação

De uma manhã eterna e mais solene

Quero nos átrios estelares descansar

No alento e frescor dessa esperança

Quando fecunda o âmago da sacra confiança

O brado que da alma livre a suspirar

Onde mais a fé que enraíza e cresce

No santo êxtase que em mim se fortalece

Dificuldades

As orbitas desses ventos sopram a saudade

Angustias desabrocham dentro de nós

Coração ferido pelas lembranças

Os terminais de um caminho estreito

Com as rosas lacrimais vias do desesperado

Quantos soluços se libertam por tais janelas

Abertas pelo brado de aflições e dois pesares

A paciência segue uma senda mais sublime

As lutas exigem a nobreza da valorosa lealdade

Quanto fica rente ao fio cortante das dificuldades

E como aprender a lição perpetua

Na dor que alcança a ânsia de um alto cume?

O homem que sofre as agonias da vida

Deve ser como as flores mais frágeis

Que quando feridas soltam os mais valiosos perfumes

A Ressurreição dos Ossos

**Vêm da terra seca as plagas e canaviais
Ossuário de pedras desses áridos rios falecidos
Prosápia outrora de orvalhos ornamentais
Óbito dos vegetais anestesiados na sequeidão**

**Outono que retumba a agonia da fome
Sem macerar o pulso fértil da primavera
Leito seco e a poeira do chão que consome
As chuvas puras bênçãos que esperamos**

**Pois quando o ardor do sol mais devora
O deserto que os ossos tanto mais respiram
Clamei á mão de nuvens céu afora
Nos banais agouros desse mundo bandido**

**Os ossos unidos ao ligar a carne á alma
Ascensão dos dormentes nesse féretro eclipse
Do susto suspira a minha medonha calma
É que o bramido convoca a vinda do Apocalipse**

Alvorada de Outono

**Quando em vão chora o moribundo
Entre a cova rasa e a morte mais lenta
Fugindo do miasma e da gripe polar
O frio cadavérico das chagas mais sinistras**

**Algozes noites de sombras cálidas
Nevoeiros que escondem seis horrores
Qual lapide num plagio de compaixões
Que se dissolve nas planícies dos temores**

**Quem nos livra desse claustro pesadelo
Ou nos consola nesse temeroso pressagio?
Que as ancoras lapidadas de nossas dores
Firme toda nossa esperança nesse naufrágio**

Firmamento

Ontem:

Olhei para o céu com os olhos do desespero e vi o terrível domínio da escuridão que assusta o coração desajeitado

Hoje:

Olho para o céu com os olhos da esperança e vejo no firmamento milhares de estrelas brilhando lado á lado...

A Conexão Noturna

**A lua projeta sua face sobre as sombras
A luz fria sobre um mundo morto na noite
Derrama uma metamorfose de mistérios
Além das chuvas torrenciais de constelações**

**Do silencio analgésico retumba os insetos
Um oceano intrépido de medos e calafrios
Aranhas tecem as teias e as libélulas adormecem
É o fim do mundo pela metade de dois tempos**

**E quando o homem acorda de seu sonho
Esfregando os olhos para ver a aurora
Jamais imaginou que a catástrofe da noite
Gemia quando ela conspirava contra o passado**

**A transformação da alma mística é perene diante dos mistérios que se
escondem das coisas suspensas pelos enigmas da existência.**

Discernimento

**Escreve no céu da paciência toda a coragem
Porque a vida exige o heroísmo e a bravura
Daqueles que se libertam do medo inútil**

**Os tentáculos artificiais de um leviatã
Que tentam obstruir meu caminho
Minha epopéia, meu grito e minha serenidade**

**Encontrarão dentro de mim
Um coração de ferro, hermético e blindado
Contra toda manipulação grotesca e absurda**

**Venha o que vier
Nesse mundo orwelliano que se aproxima
Jamais hei de trocar a minha liberdade
Pela minha segurança**

Hálito do Susto

**Caem as mascaras dos hipócritas daltônicos
Que enxergam o mundo em preto e branco
Donde o arco sem Iris insólito é mais irreal
Falidos em conceitos meros fantoches bárbaros**

**Que o “grande irmão” de um olho só clama
E as almas cegas se apaixonam em seus calores
Como no pitoresco conto sem o osculo do pavor
Nas sinfônicas vozes de sereia eletrônicas**

**O pandemônio de controvérsias e seus horrores
Perdidos na orbita desse teatro lúgubre e circense
Quebrado nas peças aleatórias desse ímpio caos
O hálito fúnebre da morte dos olhos secos reclama**

**Que o vento norte arrasta as ondas gigantes
Levando consigo a boca esfomeada do leviatã
E eu nesse cadinho de vidro em lente de aumento
Vi as ervas rasteiras florindo no cemitério de Oran**

Transcendência dos olhos

I

Os encantos do silencio (magnânimo)

Sempre nos oferece a sedução da contemplação do belo em profundidade da alma

(O coração desperta diante do berço das constelações)

II

As nuvens esculpem as nuances da calma

Envoltura dócil do amor que germina no coração versátil

(Êxtase da alma no postura de uma rosa que desabrocha)

III

Oh! Deus meu, meus olhos são sentinelas da relva

Meu coração transcende diante do frescor do orvalho

(Na primavera da sensibilidade a vida se transforma em milagre)

Sobre o Amor

Nunca tome o amor como mascara, pois irá revelar que a face do egoísmo é desproporcionalmente monstruosa

Nunca tome o amor como argumento porque a retórica do absurdo não suporta a clareza da humildade das coisas sensatas

Não! Nunca tome o amor como motivação, se há divergência entre o ser e o agir

O amor está além dos caprichos pessoais

Muito além da força do ego

O amor só pode ser verdadeiro

Se antes o coração for puro.

O Cemitério de Aron

Faz frio nesse inverno de sepulturas caídas

Mármore quebrados dos tremores de almas

Canções que rosnam nos muros que o tempo sopra

As pompas de rosas em féretros submersos na dor

Os cais e os portos da eternidade são mistérios

Enigmas que cortam as paginas de nossa ternura

Como a peste que assola o fio da navalha de sorrisos

Que das sombras perenes germinam meus gritos

As lapides desse silencio são estações polares

A morte impõe as delicias da ausência como regra

Os sonhos se desfazem na terra profunda

E então as mais lindas flores emergem desse memorial

E enquanto o fôlego da existência me der mais um dia

E puder vos amar com a duração de uma estrela do norte

Peregrinarei pelas ruas escassas dessas sepulturas frias

Mas selarei meu coração com amor fugidio da morte

Cárcere das Montanhas

No vale estou aflito em meio a outros que choram a monotonia

Os laços dessa ternura carbonizada pelo fogo da indiferença mórbida

As cinzas são a alma desse pó adâmico que o vento carrega aos paraísos distópicos

Lá onde o grande irmão de Orwell ordena e os cordeiros cegos obedecem

Nesse mundo tombado de tantas imaginações em curto circuito

Nas intrépidas faces de monturos desordenados

Onde se aquece o verme que procura asilo nos sepulcros

E nós pobres almas que pernoitam na vida

Buscamos apenas um alento para curar as feridas das incertezas

E como o gelo se desfaz na luz intensa do sol

Para que a primavera faça o eco entre as cores perfumadas

Da esperança desses calafrios ondulantes

Reerguemos mais uma vez dessa tristeza, a nossa fiel companheira

A esperança

(21)

Oh que gloriosas nuvens cobrem o cume das montanhas

Elas estão envoltas na distancia de meus olhos

Antecipam a noite em projeção de sombras

(...As cigarras ficam boquiabertas...)

É muito difícil enxergar uma inocência

Quando a ignorância cobre os olhos da escravidão

Mas a ofensa nada é

Quando o amor faz compreender a força do perdão

(...E os pirilampos riscam a noite...)

Vinte uma vezes vi as vestes de núpcias da lua

Mas a noite carrega essas nuvens para o norte

Então quando a cheia transborda o horizonte

(...O meu caminho vejo sepulcros caiados...)

Pesares

É nas dificuldades que medimos o valor de todas as nossas convicções.

Os pensamentos frágeis não resistem ao sopro de uma dificuldade

Se somos pacientes, então as aflições apenas laboram na lapidação de nossa resiliência e não no desgaste de nosso desespero

A grandeza de uma virtude pode ser medida pela resistência que ela mantém diante das provações da vida.

Anseios

Quem me dera crescer em magnanimidade

Como a alvorada que faz o sol se elevar da madrugada sonolenta

Pudera eu servir a esperança dessas chuvas de otimismo

Como o vento arrasta as águas pelos pergaminhos das montanhas

Quem me dera seguir as raízes dos juncos

Escrever em velino as glórias de cada triunfo sobre a má sorte

Que falarei sobre o amor?

O amor deve estar acima de todas essas coisas

Porque na diminuição do amor

Vem a redução da importância de todas as outras virtudes

Orvalho Fúnebre

Destila as trevas nesse medo de intranquilos gritos

Quando o crepitar do fogo semeia horrores

Como se a peste negra cantasse nas ruas

Os homens dançam na marcha fúnebre em claustro

O hálito ignóbil e frio do cavaleiro preto do Apocalipse

Galopando ao sem da (Peste) de Albert Camus

Uma vereda embriagada de lágrimas

A voraz morte tragando a própria sombra

Mutilando a orla das próprias vestes nebulosas

A projeção da luz sobre os farrapos

Devera é tão desproporcional

Que os pedaços desses vestidos mortuários

Viram monstros rastejantes deslizando sobre o monturo

Pulando com mil retalhos de mentiras

Enquanto a verdade anda tropeçando pelas ruas

Conceição de todas as Dores

**Há um sentimento sacro na natureza
Uma consciência universal da criação
A profundidade das pétalas fala isso
O pulsar misterioso...
Eu sinto!**

**Um desejo de me unir a tudo o que é imaculado
No oceano de um equilíbrio que me dá sorrisos
Como um caminho de doçuras outonais
Uma profunda paz**

**Os sentidos tentam alcançar
Essa força íntima que o coração entende
Uma vida de unidade com o puro
A transcendência com o belo**

**Mas, porém, de repente
Eu ouço uma voz melancólica
O anúncio de um grande fato
A criação geme com dores de parto**

Espelho das Águas

À noite: estrelas cintilam no céu

Lâmpadas suspensas por cordas invisíveis

Espetáculo noturno

O vôo do alento na admiração

O lago: águas tranqüilas que reflete

Mil constelações que brilham no firmamento

Os anos são as vias pelos quais elas chegam

Até a face das águas

Meu coração: Subúrbio de tantos sentimentos

Que flutuam no espaço inconstante

De meus infortúnios e alegrias

Flores que renascem da minha bem aventurança

Antro Escuro

Ai de mim! Espanto noturno de tumbas caídas

De olhar súbito em faróis celestes

Astros flutuantes nos termos secretos da escuridão

Densa nevoa na noite hermética

Dos lampejos alvos de um triste luar

Anseios de todos os braços cósmicos

A luz precisa das trevas para brilhar

Jazigo

Ouço o ímpeto dessas águas puras

Mananciais infinitos regando meus sonhos lúcidos

Manto noturno que inspira minhas canções

Tomei por habito chorar

Pois em silencio sempiterno

Rogamos no relento da vida

Nossas finadas aspirações

O ar campestre mantém os rogos

A brisa das pedras sepulta nossos enfados

Tudo flutua no universo de nossas lagrimas

Todos os átomos se movem

Na dança cósmica de meus soluços

No ar rarefeito de um universo escuro

No descanso de ausências de meu sepulcro

Vasto das Flores

Há flores que desabrocham dentro de nosso infinito

Luz que se acende em nossa eternidade

Sabedoria que emana de nosso silencio

Esperança que frutifica nos percalços da vida

Há sorrisos que perduram depois da aurora

Lacrimas que cristalizam em nossas cicatrizes

Amor que se fortalece em nossas dificuldades

E fé que insiste brilhar na escuridão do mundo

Corsário de Netuno

**Se construíssem naus de trevas
E do séquito do vale um emblema de terror
Seus tripulantes em mascar de doutores da peste negra
As túnicas tingidas de dores
Tal corsário em forma de urna
Flutuasse sem remos
Pelos quatro cantos do mundo
A procura dos quatro cavaleiros do Apocalipse
Cada olho veria tão obscuro espetáculo
Uns rezariam o “Pai nosso “ e outros “ave Maria”
O mais certo o primeiro seria
Pois do susto outra coisa jamais pensaria
É o mundo que está se acabando
A começar no coração assustado
Que ao espetáculo sinistro ver
Perdeu totalmente a coragem de viver...**

Jardim de Aron

**Demandas de horrores dessa necrópole
Sem flores espinhos áridos desabroçam
No campo escuro dessas cidadelas tumulares**

**Inquietações de ventos tempestuosos
Os mares salinos e a opulência dos terrores
As dunas e os grãos da areia nesse fim de mundo**

**Ali jaz cada poeira desmontada
Quando a maquinaria vital foi desligada
O sopro empoeirado desses cálices desfeitos**

**Eis do ser imóvel que lá dentro jaz
Numa sentença antiga que perdura aos moribundos
Tu és pó e ao pó retornarás.**

Pétalas de Aflições

Os perfumes desse amor estão aprisionados

Em frascos azuis de tristezas

Esperando um abraço sincero

Um aperto de mão verdadeiro

Sangra a alma de saudades

E no jazigo da solidão

Recolhe todas as lembranças

Para que as nuvens as levem navegando...

Elas levarão todas essas emoções

Nos porões bravios das tempestades

Para jogar cada sentimento perdido

Nas profundezas do mar de absinto

Há momentos difíceis na vida

Que enfrentamos com todas as inquietações

Porém é no descanso da paciência

Onde vamos encontrar a luz que alumia um caminho

Vento Norte

**A voz do vento é um sussurro amargo
É um rosto sem preconceitos
É brado melífico nas entranhas da alma
Braços que carregam o coração solitário**

**A voz do vento é um sermão
Um alento que sopra pra dentro da vida
Pois dos sonoros sopros detrás das montanhas
Limpa os tormentos de minha alma poluída**

**Mas acima de tudo a voz do vento
Um derramar sonâmbulo da tranqüilidade
Que das chagas expostas ao suave alento
Por um momento chove em mim a felicidade**

**É difícil manter a graça da paciência em meios aos tormentos tempestuosos
de quem provoca o desequilíbrio da sensatez pelo uso infame dos dois pesos e
duas medidas.**

Campinas do Jordão

I

**Onde minha alma flutua sorrindo entre as nevoas
Por entre os ciprestes dessa tarde depois das chuvas
Em que as folhas molhadas são relvas de anjos caídos
O trono de Pergamo onde nossos rostos são traídos**

II

**Nas saliências de cômoros irrigados por temporais
Nas bétulas que em ferrolhos de úmido ciúmes
Do charco até as sapiências de um misterioso cume
Desbotam-se em sopros incolores no pântano sem paz**

III

**Dançarei na chuva ao som da flauta doce e trovões
Das chuvas carregadas de pólvoras de férreos conflitos
Onde a teia de prata martela as canduras desses canhões
Até o peito que protege as orbitas do coração aflito**

IV

**Quem me impede de viver a esperança nesse mundo brutal?
Se as petúnias ainda florescem nesses apriscos vendavais
Pois no nascer da fé que imploro em grito ríspido e colossal
Revigora a relutância de Deus amar ainda mais**

O Alento das Relvas

**O cheiro da vida é o frescor dos campos
As campinas floridas um convite a sorrir
A simplicidade abraça o melífico pranto
A nobre alegria que adoça o sentir**

**A relva é verde nesses vales floridos
No espetáculo que nos concede o alvorecer
Pois desse manto de jardins tão coloridos
Nem cemitérios impedem uma rosa florescer**

**Quais flores vivas na beira do caminho
A arte que entoa o cancionero da felicidade
Quando enrola a primavera nesse pergaminho
Em êxtase de sorrisos e júbilos nessa verdade**

**Pois o alento do orvalho que nos dá refrigério
Emana um grito que nos desperta ao amor
Quais nuvens poentes que dançam ao saltério
Assim possuímos a dança do celeste louvor**

A Queda

Um estrondo intrépido

Quedas flamejantes, estrela caindo do céu em flamas orbitais

Até o universo se escurecer

Nas praias do mundo inteiro

Os astros caídos carvões marítimos

Braços estendidos nessas areias congeladas

Estrelas do mar

O que mais desejo falar?

As virtudes mais sublimes emanam do amor e da humildade.

Dois Anjos e Uma Alma

O primeiro anjo entrou no cemitério de Aron e tocou um sino:

(Despertem almas desse pó silencioso, é no avivamento dos átomos que a inércia entra em apocalipse)

O segundo anjo entrou tocando um violino:

(Acordem almas dormentes, é na sensibilidade que o homem renasce para dançar nas recamaras da vida)

Uma alma se levantou do tumulo e cantou aos anjos:

(Glória a Deus nas alturas e paz na terra entre os homens)

Esperança Furtiva

Quais polares emoções afetam a aviltada humanidade

Dores sem dó que as mórbidas esquinas das sombras celebram

A nostalgia da infância do orvalho sensível em minhas chagas

Concretos de gelo e o chão de cristal das neves imaculadas

Como as rochas de Gilbratar que causam náuseas na imaginação

Enquanto as feridas da vida não cicatrizam, as fiações dos berros fenecem

E eu tentando acender o fogo da esperança no limiar da devastação

Com a palha de minhas lembranças e a pólvora de meus pensamentos

Tal consolador que sopra sobre furtivos cansados, esperando uma explosão...

Conceito: (Ausência)

Alguém me poderia falar sobre ausência?

Um tumulto detém o corpo de um amigo

Mas o nosso coração doa vida á lembrança

Para perpetuar a existência na intimidade da alma

A saudade é a dor dos que merecem o nosso amor

Poderia alguém falar da ausência?

O mundo é um tumulto frio e vago em conceitos

Onde pessoas mortas tentam viver a utopia

A errônea ilusão de buscar felicidade

Nas coisas temporárias e sem valor real

A ausência é esta solidão que ilumina

Uma vez bem compreendida dentro coração

Desliga-nos das pessoas supérfluas e vazias

Para que uma via esteja sempre aberta

Onde a profundidade da existência possa permanecer

Conselhos

Se desejares ser sensato nesse mundo

Transcendente na sensibilidade

Arguto no discernimento

Para manter o equilíbrio da sabedoria

Primeiro: Não discuta fatos com quem se apegá às ilusões, porque há uma incompatibilidade perpetua que impede a reconciliação dessas duas coisas.

Segundo: Cuida de ti mesmo, o mundo é um campo árido e inóspito para quem busca conhecer as coisas pelo lado correto e coerente, a verdade será sempre martirizada, inúmeras cruzes são erguidas todos os dias para sacrificar ela.

Terceiro: Apega-se a solidão fecunda, aquela que permite clarear a tua mente para que todas as decisões sejam tomadas com sensatez e prudência

Claustro Ilícito

**As canções mortuárias são lamentos
Pó e cinzas no fogo e fuligem ciclópica
A fumaça sombria sobre a cidade intoxicada
Onde mercadores negociam a feitiçaria**

**A taça do vinho negro se escoa
Fel pegajoso nas têmporas do absurdo
Claustro congelante do póstumo Armagedom
Os gemidos intrépidos de féretros do adeus**

**Nas orbitas estúpidas desse caos incomum
Dessa pitoresca parcimônia obscura
A lapide que orchestra a tão aviltada queda
O bramido do moribundo: caiu a grande babilônia.**

Cancioneiro do Fim do Mundo

Infestado com seres da orquestra fúnebre

Nosso ultimo pseudo limbo mar adentro

O cálice do juízo sorve a terra inteira e oceanos

Tantos profetas filhos da consolação bradam

Carpideiras choronas no vácuo das lagrimas

A dor congelada na dor humana e coração de pedra

E eu homo sapiens alentado nesse labirinto

Tento reverter através da minha angustia audaz

Cada plangor do desespero em sorrisos profundos

O silencio dos Mortos do Lado de Cá do Mundo

Quem ouve fofocas nessa cidade silenciosa?

Quem ouve mentiras nesse labirinto de lapides?

Não houve furtos nessa metrópole serena?

Nem os lamentos das dores que o mundo pariu?

Quem perturba seu vizinho com labores?

Quem traiu o amigo e se ausentou de suas dores?

Não floresce as rosas nesse austero jardim?

Eis que nas searas da morte tal ressurreição

Quem canta seus pêsames e seus pesares?

Quem engana seu próximo com humana destreza?

Onde se guarda no tumulto, o egoísmo e a avareza?

Não há ambição onde os olhos encerram a matéria

Quem ali forja insultos de aviltadas ofensas?

Quem inveja os que dormem em um mausoléu?

Não há lugar tão quieto e bem mais sossegado

Essa necrópole até se parece um simulacro do céu...

Ali jaz todas as vaidades e a força se esvai

Nesse singelo sepulcro que cada alma cai

Quando da ordem brava que ao jazigo espanta

Então cada um de seu leito outra vez levanta...

Flores Noturnas

**Nos jardins da fertilidade arrojada nascem
Hibiscos, madressilvas e cravos vermelhos
Primavera de todos os sonhos tosquiados
Via néctar de estrelas vespertinas e peregrinas**

**Nos soluços alquebrados em gritos perenes
Cristais do amor transparente que em frascos
Aprisionam o sopro das rosas
E as flores da necrópole de Aron**

**No carmesim vivo de minha vergonha
Adormeço na palha entre o céu e as chuvas
Ao despertar com o cheiro bravo do petrichor
Anestesiada fica minha alma das decepções**

Peregrinação e Semeadura

**Estou caminhando por um deserto de sentimentos
A tempestade histórica obstrui todas as frestas
Para que a luz necessária glorifique o amor
Alumiando o coração para pensarmos de forma
Racional...**

**Nos atritos das pedras, na solidão da floresta
Ouço o rumor da civilização distante
Cidades sem jardins, outeiros sem ervas
Corações áridos almas inférteis a agonia do ermo**

**Não haverá flores no retorno de uma jornada
Se no trajeto de início, não semearmos flores
A primavera do caminho depende da sensibilidade
Tudo o que o homem plantar isso também ceifará**

Dia do armistício

**Sopram o alento nesses campos frios de novembro
No tumulto dos gemidos dos soldados carbonizados
A tristeza amarga na doçura do silencio
Nesses pomares adormecidos na geada do céu**

**Como ostras em praias banidas
Tais rastros banais de alamandas amarelas
Os vastos pinceis desse arco sem Iris
O campo do outono nos símbolos desse vergel**

**Nesse relento da noite adentro
Nas furnas que fogem da luz do fanal
Eu trôpego em três lamentos e meio
Fujo do desespero dessa guerra medíocre.**

Presépio

Ainda me lembro....

(Eu) infante que se materializa nos meus sonhos

Herói da pobreza nos trapos dos brinquedos

Singrando nas águas dos conceitos e preconceitos

Na sombra do salgueiro em fragrâncias de melissas

Nos grãos de trigos e as alturas da estrela da alva

No infortúnio inocente

(Eu) infante que se alienava na própria distopia

Nas alas de uma vereda de pedras calcinadas

Das brasas do fogo de meus pensamentos

Ainda me lembro de tais momentos

Quando o fogo crepitava sonâmbulo na noite

Restos mortais de brasas acesas no chão sonoro

Meu (eterno) presépio de faz de contas.

NIL NOVI SUB SOLE (Eclesiastes 1:5)

**É manhã do inverno e o verde celeste se aproxima
Tristeza e sorrisos nesse novo dia que chega
Atrás das novidades surpresas e a nossa rotina
O céu de luz que inunda o dia imerso na saga da sega
Aqui nesse orbe que gira ou flutua nas imensidões
A noite que devora a tarde cansada de tantas injúrias
Estrelas emergem da escura boca de todos dragões
Num palácio de nevoas de paredes que esfriam penúrias
O fim da madrugada nessa lua banguela que serpenteia
Do cantar do galo que quebra os vitrais das ausências
Da manhã bela do outono que o fogo no céu incendeia
Espelho dos lagos refletem a sede da nossa essência
E a noite chega com um fardo impávido de todos sonos
Numa tarde selada pelo finado dia no fúnebre sombrio
Nas angústias mortais que a vida prega quem somos
Nos átrios das núpcias de pólvoras espraçadas no calafrio
Assim o dia começa num livro de contos tão coloridos
Em que cada ser nos prantos foge do assombro da morte
Das remotas datas repetidas num ciclo que entoa repetido
Dia vai e outro vem, (Sentido-se mais vivo?) Ah, que sorte!**

Punctus Stans

Livre da peçonha da morte, a dócil canção enregelada de gritos

...Sufocados...

Em vastas campinas portuárias das sepulturas pitorescas

...Irônicas...

Segue minha alma atroz na esperança pela noite de cheiro verde e vazia

Nos retângulos de universos paralelos onde se debulha toda alma

Enchendo a noite inteira de pura nostalgia.

Encantos de relógios eternos e calendários sem fim

Fios torcidos de luz da mais forte paciência

Das cócegas de girassóis que salpicam o muro do jardim

Eu nessa plaga de rosas vermelhas

Como coágulos de cacos de telha

Prossegue a turva alma de meus lamentos

Nesse meu nobre peso de crises do plácido morrer

Nas dores boreais de preces noturnas

Lapsos que bradam no círculo da mente em curto circuito

Vou embora pros prados de meus choros mentais

...Sinto muito...

Autopsia do Destino Humano

**A terra da tumba coleciona lágrimas e medos
Quantos oceanos e charcos de temporais adormeceram
Nos vastos campos santos de todo o mundo
Quando a flor e a libélula pousam sobre sepulturas
A fotografia antiga desses falecidos memoriais
A terra de ninguém e os ceifeiros descansam em paz
Peregrinos da escuridão na cova da inércia da alma
Grita a andorinha (Tem alguém ai?)
Ninguém responde as ponderações do mistério
As velas crepitam a agonia do ar do necrotério**

**Nas pálpebras a tremula lágrima é a gorjeta da vida
Moedas que flutuam nos choros incandescentes dos (ais)
As sonâmbulas amargas de rostos retorcidos na saudade
Da vida morta de um cadáver que ressoa a cor da serenidade
Nos antros da madrugada dessa urna que parece fosso
Viúvas de véu negro que recitam o (Pai nosso)
Como lâmpadas dançantes de olhos tocando saltério
Numa jornada magistral até o chão do cemitério
A vida de cada um de nós é essa jornada tão (bendita)
É o viver de cada um de nós, um poema que o destino escreve**

Posfácio

***“E livrasse todos os que, com medo da morte,
estavam por toda a vida sujeitos a servidão”
(Hebreus 2:15)***



**Aos homens
está
ordenado
morrerem
uma vez,
vindo
depois
disso o
juízo**

Hebreus 9:27